

# Entre olhares e tramas:

uma poética para os espaços de Jaguarão





**Entre olhares e tramas:  
uma poética para os espaços de Jaguarão**



Ana Lúcia Montano Boessio  
Jonas dos Santos  
Leonardo Terra Messias  
Magnum Patron Sória  
(Orgs.)

**Entre olhares e tramas:  
uma poética para os espaços de Jaguarão**

Editor: Universidade Federal do Pampa  
(UNIPAMPA/Jaguarão)

Capa: Jonas dos Santos

Projeto Gráfico: Elenice Pacheco Terra

Revisão: Ana Lúcia Montano Boessio

Jonas dos Santos

Leonardo Terra Messias

Conselho Editorial: Prof. Ms. Alan Dutra de Melo (UNIPAMPA)

Prof. Dr. Ubiratan Paiva de Oliveira (UFRGS)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iolanda Montano dos Santos (FISJT)

• Ficha catalográfica

# Sumário

A Poética das Tramas (Ana Boessio).....	13
Matriz (Magnum Sória).....	19
Coisas Perdidas (Antônio Carlos Marques).....	21
M. (Ana Boessio).....	23
Dia em filme (Carlos Marques).....	25
Por quem os sinos tocam? (Marilú Duarte).....	27
Sinhô, eu sou fio de Nagô (Leonardo Messias).....	29
Uma espada na parede (Martim César).....	31
Marcas (Magnum Sória).....	33
Pensamentos de um pássaro (Antônio Carlos Marques).....	35
Amo-te tanto (Ana Boessio).....	37
O Sol (Carlos Marques).....	39
Vida... (Marilú Duarte).....	41
NóMar (Leonardo Messias).....	43
Olhar vago de mulher num quadro antigo (Martim César).....	45
Heróicas (Magnum Sória).....	47
Esqueci de envelhecer (Antônio Carlos Marques).....	49
As portas do silêncio (Ana Boessio).....	51
Augusta, lucina e eu (Carlos Marques).....	53
A vida é como... (Marilú Duarte).....	55
Lembrança (Leonardo Messias).....	57
Olhar (Ana Boessio).....	59
Querido Rio (Leonardo Messias).....	61
A História da escrava (Magnum Sória).....	63
Os Autores.....	66



[...] uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.

Martin Heidegger

# Prefácio

Como afirma Vincent Jouve (2012), estamos enfrentando uma crise dos estudos literários, a qual leva a diversas indagações; entre elas, “de que serve o ensino das Letras?”. E é por entendermos que encontrar respostas satisfatórias a essa questão é fundamental para a continuidade e o fortalecimento do ensino formal das ciências humanas como um todo, e dos estudos literários em especial, que foi criado o LALLi – Laboratório de Literatura e Outras Linguagens do curso de Letras, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, campus Jaguarão/RS, berço deste projeto que agora se materializa com o apoio da Universidade e da comunidade de Jaguarão. É nessa perspectiva que apresentamos nossa primeira produção em e-book, *Entre Olhares e Tramas: uma Poética para os Espaços de Jaguarão*, um trabalho que nasce com a marca da troca, do diálogo entre linguagens – poesia/fotografia/crônica; do diálogo entre pares – professores, alunos e comunidade; do jogo entre *poiesis* e poética. Isto porque esse espaço (LALLi) se constitui a partir de dois princípios: a noção de fronteira e o estatuto da literatura como “objeto de arte”.

O primeiro segue o conceito proposto por Martin Heidegger, de que uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente, o que faz do Laboratório um espaço multi e transdisciplinar, destinado a fomentar a pesquisa docente e a formação permanente dos seus discentes no que tange a sua produção textual e à pesquisa voltada ao diálogo da literatura com outras linguagens, práticas culturais e processos criativos. Em sua operacionalidade, o LALLi se propõe como uma estrutura rizomática, construída em parceria com outros departamentos, cursos, e também com outras instituições, laboratórios e comunidades, de modo a articular as reflexões acadêmicas e práticas pedagógicas promovidas por seus diversos agentes. Ou seja, um espaço de trânsito fronteiriço de saberes e fazeres, de linguagens que se contaminam e se transdimensionam no contato, ou mesmo no atrito.

O segundo conceito, de literatura como “objeto de arte”, segue o pensamento de Vincent Jouve, o qual entende literatura como um dado relativo a um tempo, a um contexto histórico, social e cultural; ou seja um conceito relativo. E se

falamos de relatividade de conceitos, estamos também falando da possibilidade e, às vezes, da necessidade de revisitar espaços conceituais, temporais e físicos.

Estamos falando de um livro de arte que busca no conceito de trama um outro (talvez novo) olhar sobre o que já é, o que já está. Neste livro, não vamos falar de História, mas de olhares e vozes sobre ela; vamos falar de entre-espços escondidos, esquecidos ou despercebidos no tempo e no espaço de uma visualidade automatizada, viciada, que olha mas não vê.

Desse modo, este livro se propõe como um espaço estético que visa reativar o olhar – o nosso próprio olhar – sobre a cidade; uma proposta que se molda a cada leitor que folheie suas páginas na ordem e no ritmo próprios; um caleidoscópio que oferece novas possibilidades de visitar uma imagem talvez muitas vezes vista. Neste caso, os espaços urbanos e arquitetônicos da cidade de Jaguarão, (re)apresentados através de múltiplas linguagens que se constituem como trama: imagem-texto-imagem-leitor-memória.

É esse olhar que *Entre Olhares e Tramas: uma Poética para os Espaços de Jaguarão* busca despertar pela fotografia em diálogo com o texto, o qual tem a marca de múltiplos gêneros e autores. Queremos convidar e provocar o leitor a uma outra forma de interatividade com a obra: uma *poiesis* que leva a um novo caminhar pelos espaços da cidade. Uma interatividade sem limites, que pode se reeditar a cada passo que esse leitor/caminhante dê para frente, em direção ao novo, ou para trás, para o espaço da memória.

Desejamos a todos um bom passeio!

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Montano Boessio  
(Coordenadora do LALLi)



# A Poética das Tramas

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Ana Lúcia Montano Boessio

O artista não é um fazedor; suas obras não são feitura mas atos.  
(DUCHAMP apud PAZ, 1997)

Em uma sociedade na qual imagem é tudo, o que se percebe é que, ao mesmo tempo em que o homem é constantemente solicitado visualmente, parece que alguns mecanismos de defesa óptica são acionados, provocando um olhar cada vez mais adormecido, como que entorpecido pelo excesso de estímulos – TV, Internet, outdoors, pichações, etc. Olhamos, mas não vemos, não fruímos, não percebemos, temos apenas o conforto indiferente de uma ilusão de reconhecimento estético, como se este pudesse acontecer de fato sem fruição; uma condição que requer uma outra relação com um tempo que é próprio da arte.

Espaço, tempo, fruição: estas são as questões que envolvem *Entre Olhares e Tramas: uma Poética para os Espaços de Jaguarão*, uma proposta que vê o espaço da cidade no seu

estatuto de objeto de arte, um jogo de espaços, olhares e leituras como forma de resgate de um tempo de fruição.

O que buscar num processo como esse?

O potencial expressivo do gesto que toca o papel pela letra que se incrusta nos seus poros; a descoberta das geometrias naturais que nascem dos vestígios da impressão e do jogo das sombras e transparências que a fotografia registra; o retorno ao espaço da memória, o espaço dos porões que guardam os tempos de cada um; a possibilidade de desvelamentos na fronteira entre o olhar do fotógrafo, do poeta e do leitor.

É desse cruzamento de novas imagens-tempos que surge a ideia de provocar uma tripla tessitura: a primeira, criada pelo olhar do artista-fotógrafo, que mergulha nos caminhos da cidade para ser tocado por ela; a segunda, pelo olhar/voz do poeta, valendo-se dos vários tempos e dimensões da imagem; a terceira, nascida das “mãos” do leitor que, a partir do encontro entre imagem e texto, criará uma nova tessitura: um novo olhar sobre o já visto, o já visitado. Nesse sentido, pela sua maleabilidade, podemos falar de “obra em movimento”, a que se refere Umberto Eco em *Obra Aberta*, uma

obra que se oferece à intervenção tanto do “autor” quanto do “leitor”, uma abertura fruto do objeto captado com a intenção do artista, um espaço de intervenção e descoberta para todo aquele que queira circular entre a poética do fazer/co-fazer e a poética do olhar/re-olhar.

Nesse sentido, podemos falar da materialidade do ato de interferir na obra porque o espectador não reflete apenas sobre ela, ele pode colocar suas mãos no objeto que a gerou (a cidade viva) e, em alguns casos, revisitá-la, adentrá-la. Assim, cria-se o espaço da comunicação entre obra e espectador. E, se de alguma forma, estabelece-se um espaço de comunicação, nasce ali também um espaço de fruição, de rememoração, fruto de uma reapresentação construída pelo próprio espectador. E, se falamos em rememoração, temos que falar também de reconhecimento e do prazer psicológico que advém do fato de “reencontrarmos” uma experiência visual em uma imagem, de um modo ao mesmo tempo repetitivo, condensado e dominável. Reconhecer algo numa imagem é identificar o que nela é visto como alguma coisa que se vê ou pode ser vista no real.

Segundo Jacques Aumont, o problema do espaço visual é em essência o da percepção em profundidade; e é essa

também a proposta deste livro: investigar as muitas profundidades dos espaços da cidade, dos céus e do poema, reelaborados no espaço infinito do espectador. Como afirma Marcel Duchamp, “o artista não é um fazedor; suas obras não são feitura mas atos” (PAZ, 1997).

### Obras citadas

AUMONT, Jacques. *A imagem*. 3 ed. Campinas: Papirus, 1993.

DOMINGUES, Diana (org.). *A arte no séc. XXI*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

ECO, Umberto. *Opera aperta*. Milão: Milanostampa S.p.A., 1991.

FERREIRA, Aurélio B. De Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JOUBE, Vincent. *Por que estudar literatura?*. São Paulo: Parábola, 2012.

PAZ, Otávio. *Marcel Duchamp: ou o castelo da pureza*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

TASSINARI, Alberto. *O espaço moderno*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.





Fonte: Igreja Matriz do Divino Espírito Santo.

## MATRIZ

Já me lembro certa feita, que lá pelas barrancas do rio Jaguarão, apareceu o filho do El Rei! Dizem que foi por interesse de conhecer os limites do reino ou para apaziguar os ânimos com a Inglaterra, não sei... Mas, aqui chegou com comitiva e encantos dignos de alguém que sabia o que era ser “Dono” da terra. Firmou rezas, carregou pinturas da nossa gente, deixou legados financeiros e contos de réis para o então povo do Divino! Ah, sim! Triunfal! Nosso povo nunca mais foi o mesmo. Também veio o Bispo! Este coitado chegou com suas pompas e saiu que nem gato espinhado nas rosetas! O povo que rezou com o filho do El Rei, mui pouco cuidava das coisas da Igreja. Mas, depois ela apareceu! Uns setenta anos depois. Garbosa! Com ares de catedral que até padre moderno confundiu-se numa andança de novena! Hoje, é patrimônio! Palco da vida religiosa de seu povo! Vitória dos lusitanos! Refúgio da sociedade, da dor, do amor, da morte! Dos túneis secretos, dos mordazes combates: defesa foi! Agora, trono da cristandade! Presença de gente amiga que sabe dar valor ao legado dos antigos.

Magnum Sória



Fonte: Brocado do véu umeral sacerdotal da Pároquia do Divino Espírito Santo.

## COISAS PERDIDAS

Coisas perdidas, esquecidas,  
escondidas, onde estão?

Onde se me estão?  
perdidas coisas minhas,  
escondidas estão?

Porque se as perco,  
elas se escondem  
quando não pretendem?  
quando não pretendem me procurar?

Estão ou estarão satisfeitas,  
coisas minhas, esquecidas minhas?  
Escondidas de mim, perdem-se por  
querer  
ou se perdem por não me quererem?

Antônio Carlos Marques



Fonte: Igreja Imaculada Conceição.

M.

Olho o mapa da cidade  
Nos seus caminhos sinuosos  
Entre textos e contextos  
Que a vida tanto tenta calar  
Encontro  
Solitário  
Teu olhar.

Ana Boessio



Fonte: Entorno rural de Jaguarão.

## DIA EM FILME

À Catarina Soares

Hoje a casa está capim  
e o vitrô verde limão.  
Crianças brincam de correr  
no alpendre do coração.

Água boa tá na algibeira  
e o pomar dá no quintal.  
Atrás do velho muro alto  
a noqueira abre seus galhos.

Galo da serra de sentinela  
pássaro baio galgando estrelas.  
Santa Bárbara, mãe dos raios,  
corre olhos nesse dia em filme.

No jardim uma roseira esquecida  
já deu flores amarelas no passado.

No varal o blusão de lã estendido  
voa branco feito valsa infinita.

No açude dos aguapés selvagens  
uma ou outra salamandra se agita.  
Na energia que brota entre as árvores  
as almas anseiam tentadas a reflorir.

Hoje a casa está capim  
e o vitrô verde limão.  
Crianças brincam de correr  
no alpendre do coração.

Carlos Marques



Fonte: Campanário da Igreja Imaculada Conceição.

## Por quem os sinos tocam?

**Ouves os sinos tocarem?** É uma criança nascendo, o mundo procriando, as vidas se buscando e a esperança sendo construída passo a passo.

**Os sinos tocam anunciando:** a virgem, a igreja, o altar, o vestido branco e as flores, o cantar dos anjos e todos os temores, andores e horrores de uma vida a ser semeada, vivida e compartilhada.

**Sinos se movem descompassados...** evidenciando o adeus que toma conta de corpos semicongelados pela indiferença e abandono de um viver. No silêncio da noite, a fome, a drogadição, a pedofilia, o latrocínio, e os preconceitos (re)costuram a vida nas curvas de um malquerer.

**Sinos badalam,** bocas gargalham, e entre gritos de dor, de desafeto e desamor, um verdadeiro contraste com o ontem se perde em um hoje que não terá o depois.

**Sinos tocam em um compasso intrigante...** passos lentos, pegadas sem marcas, simbologia, ausência de identidade ou história: estingue-se uma vida, a realidade e a própria memória.

**E os sinos vão calando,** nada mais há para ser criado, perpetuado no mundo que um dia foi verdade, magia e encantamento.

**Os sinos silenciam...** não há mais som nem tom nem brilho. Tudo é escuridão, ausências e perdas: nas bocas que não se encontram, nos braços que não se envolvem, na falta de liberdade e recriação.

**Até que um dia, os sinos param de tocar,** para aquele que não quer ouvir ou para quem se despede da vida, do seu sentido e da própria fantasia, travestida de fascinação.

**É o fim...**o ponto final de toda e qualquer ilusão!

Marilú Duarte



Fonte: Imagem Santo Antônio - Igreja do Divino Espírito Santo.

Sinhô, eu sou fio de Nagô  
Em Jaguarão vim fica  
Porque tenho as almas pra me ampará

Sangue negro, não carrego mais  
Deixei nas lágrimas quando perdi meus  
pais

Nego veio trabaiá, e no peito  
Carrega fé no pai Bará.

Leonardo Messias



Fonte: Aldrava - Casa paroquial da Igreja do Divino Espírito Santo.

## Uma espada na parede

Uma espada dorme há muito na parede  
Vida latente que se esconde no aço frio  
E que por vezes se desperta tendo sede  
E sonha o sangue escorrendo por seu fio.

Quem luta agora? Qual é o novo desafio?  
Perguntas vãs! Afinal, pouco lhe importa  
Se o vale é o que brota, feito rio,  
No claro gume que à carne fere e corta.

É noite alta. A casa sonha e — adormecida —  
Não vê o vulto de alguém que, suavemente,  
Agarra a espada e outra à vida.

A casa sonha, e quando acorda de repente  
Estranha algo e, enfim, descobre estarrecida  
Que está em guerra ... Tal e qual antigamente.

Martim César



Fonte: Ponte Internacional Barão de Mauá.

## MARCAS

Já me lembro certa feita do matungo importante! O maior naqueles idos de mil e oitocentos. Com ganas de conhecer o seu império, chega, enfim, no finalzito da querência do Rio Grande. Este lugar onde ele descansa com sua comitiva, audaz em penetrar os mistérios de um lugar, onde a definição de pertença e povo era ainda motivada por disputas e guerras. Mas, a coisa mais engraçada é pensar que neste canto longínquo da corte, veio o Imperador do Brasil! Que terra é esta que atraiu e atrai gente importante ao longo de sua história? Parece até que já nasceu cosmopolita. Que “ethos” definir para esta beirada da fronteira? O Dom Imperador não quis deixá-la ao esquecido no seu tempo! Do índio, do espanhol, do lusitano e depois do negro, um composto se forma! O El Rei a vê ainda segregada, mas com o tempo misturam-se os matizes e as arestas aos poucos vencidas pelas uniões, pelos interesses, pelas pompas em declínio. A marca do Imperador está ali na placa, dentro da Igreja Matriz! Nos contos dos “pedreiros-maçons”, das notícias e escritos da época! O ilustre senhor das terras se vai, mas deixa de herança as marcas deste povo, através da aquarela de Debret e dos contos e estórias do povo que o viu!



Fonte: Estátua da Liberdade - Praça Dr. Alcides Marques.

## PENSAMENTOS DE UM PÁSSARO

Coitados, eles, humanos, cabisbaixos e  
abaixados,  
não contemplados, não olhados daqui,  
daqui de cima, de mim, de ti,  
pássaro vizinho, pássaro alado,  
abençoado amigo meu e teu...

Somos bandos, sonhamos bandos...  
de paisagens e de miragens...

Sonhos juntos, sonhamos só,  
somos só, voamos juntos,  
sonhamos sozinhos... vizinhos ou não.

Poleiros nos ares, altares aéreos,  
poleiros primeiros, vôos derradeiros...

Eles, os humanos, só,  
sozinhos, abaixo, cabisbaixos...

Antônio Carlos Marques



Fonte: Torres de Jazigos - Cemitério das Irmandades.

## AMO-TE TANTO

Amo-te tanto  
Que esqueci de dizer  
Que as dores são muitas  
Os medos são tantos  
As sombras assustam.

Amo-te tanto  
Que esqueci de lembrar  
Que o tempo passou.

E levou aquele jeito de sorrir  
Que ainda tinha cada passo  
do meu andar.

Ana Boessio



O SOL

O sol  
apareceu  
escuro  
quando  
a sombra  
projetada  
sobre  
o muro  
refletiu  
a calçada

O menino  
equilibrista  
segue  
à pé  
a fina  
linha do  
seu  
mundo

Tenta  
ser  
astro  
e  
rei  
em sua  
terra  
paralela  
encontrada...



Fonte: Igreja da Santa Casa de Caridade.

VIDA...

a magia do canto que se faz encanto ao musicar;  
o pranto que se faz sorriso, no momento do sonhar!.

Marilú Duarte



Fonte: Balde do Poço - Casa Paroquial da Igreja do Divino Espírito Santo.

**NóMar**

**AVidaTemSeuNÓAssimComoOMarTemSuasOndas  
NÓNaVidaNóNoMarNÓNós...DesatarONÓÉSaber  
ViverAmarSonharEDroparAsMaisBelasOndas**

**Leonardo Messias**



Fonte: Fachada da antiga Inspetoria Veterinária.

## OLHAR VAGO DE MULHER NUM QUADRO ANTIGO

No olhar distante, a memória de um tempo que passou  
Vida que ficou entre a moldura do retrato, eternizada  
Retina vaga que se assoma da janela de outro mundo  
Imagem que diz tanto e, no entanto, para tantos não diz nada

A história de um romance que morreu sem ter nascido  
Tempo esquecido em que o charque comandava este lugar  
A moça a sonhar, no seu balcão, com seu poeta preferido  
E ele — moço — ainda iludido com o poder do verbo amar

Na casa grande, naquela noite de verão, houve uma festa  
Onde uma orquestra embalava a leveza de alguns pares  
E de repente o amor — que não conhece leis ou regras  
Revelou-se nessa entrega, que só percebem dois olhares

Porém a distância invisível que separa os sobrenomes  
Obra dos homens por se crerem mais acima dos demais  
Fez com que a moça não pudesse escolher o seu destino  
E o amor menino se perdeu, num adeus de nunca mais

Hoje quem olha essas paredes onde o passado ainda resiste  
Sente que existe algum segredo que em seu peito pede abrigo  
E não compreende o porquê de, sem querer, saber-se triste  
Ao ver-se preso no olhar vago de mulher num quadro antigo

Martim César



Fonte: Busto do Coronel Manuel Marques de Souza - Cemitério das Irmandades.

## HERÓICAS

Já me lembro certa feita do ocorrido, na volta das barrancas de água doce do rio Jaguarão! Entrando de passo lento e firme, os valentes soldados uruguaio embretam na terra brasileira, na terra do Pedro II. Quem estava lá para defendê-la? Quem cuidaria de tamanho infortúnio? Os homens seus lutavam lá pelas bandas do Paraguai. Até seu pároco não estava presente para consolar e defender deste empreendimento bélico. Elas! Sim, elas - as heróicas mulheres prendadas e guerreiras de sangue cozido na mistura charrua-lusitana-castilhana! Com poucos homens: dizem que havia somente alguns velhos e uns poucos jovencitos, seguem elas impondo a lei natural de preservação e contando com a escolta do General Marques de Souza. - Hasta luego!!! Gritam as heróicas guapas, munidas de seus óleos quentes, pelegos e armas caseiras das mais exóticas. Jamais se viu um quartel tão audacioso! Felizes, retornam para suas casas, trazendo na alma e nas mãos, não só a terra conquistada e defendida, mas a soberania do Império Del Rei, o poder da conquista, a imposição de uma nação. Nesta terra de nação alguma, vinte e sete de janeiro declarará esta conquista – a conquista das heróicas. Assim são as mulheres desta terra: guerreiras, heróicas, fortes, valentes, audaciosas. Filhas talvez de Ana Terra, ou simplesmente “Anas que a dor não quebra nem consome, Anas da terra-mãe e nada mais”, já dizia o poeta campeiro. Hoje as guerras são histórias, pois o combate da vida, da garantia do amor contínuo e da esperança dos filhos crescerem felizes é o foco destas jaguarenses. Em suas preces, prantos e atitudes, deixam um legado universal para todos que precisarem de uma referência de como a vida pode transcender diante das situações limiars, uma vez que a bravura e a maternidade, aqui nesta terra de mulheres fortes, caminha de mãos dadas.

Magnum Sória



Fonte: Moirão - Zona Rural de Jaguarão.

## ESQUECI DE ENVELHECER

Esqueceram de me lembrar de crer  
que é preciso envelhecer...

Venho de outras plagas  
e de outras praças...

Sou cinza, bruma,  
fumo e arruaça...

Quem sou eu então?  
quem se me assemelha em disposição?

Eu sou o teu miolo e o teu tutano...  
minuano vento que te assopra  
nas trilhas dos campos.

Eu sou de outras plagas e de outras  
praças,  
eu sou fumaça e arruaça!

Antônio Carlos Marques



Fonte: Puxadores de étagère.

## AS PORTAS DO SILÊNCIO

Nos mundos que conheço  
Há silêncios-pregnância  
Tessitura de projetos  
Trama de sonhos  
Que correm mundos em  
devaneio  
E só sossegam lá  
No fim do mundo.

Nos mundos que conheço  
Há silêncios-semeadura  
Daqueles vivos como mar  
profundo  
Que só quem os penetra  
É capaz de reconhecer.

Nos mundos que conheço  
Há silêncios-caverna  
Onde a sombra do medo  
Reina absoluta.

A porta aberta continua  
trancada  
E as entranhas  
Reviradas e doídas  
Choram seu canto mudo.

Mas há também  
O silêncio da terra seca  
Árida  
À espera do tempo de  
virar adubo  
Porque o silêncio é o da  
alma-sepulcro  
Morta em si mesma  
Perdida na frieza do  
coração  
Que ainda não-é.

Ali, não adianta bater.

Ana Boessio



Fonte: Praça Dr. Alcides Marques.

## AUGUSTA, LUCINA E EU

Tons, sobretons, são paisagens risíveis,  
humanas, possíveis viagens,  
na janela, veem-se, debruçados parapeitos  
precisos, preciosos trejeitos do que eu mais preciso.

Se rolavam pedras lá na esquina,  
ver-te de lá minha canção,  
platibandas, da minha casa de coração.  
Saí na fachada, de fachada, fui conhecer outras meninas.

E abraçá-las e beijá-las, por consequência,  
molhar seus lábios em expansão,  
total matéria prima.

Tudo o que me afasta e o que me cala  
mais me atrai e me fascina.

Augusta, canção de ninar segredos, foi molhar sua relva  
em outras paragens, o tempo a seu tempo,  
me traz a todo momento  
o anticlímax, da última ceia, escrito nessa vontade.

De novamente beijá-las e abraçá-las  
por consequência, rezar seu enredo, doce enlevo  
por mim sentido, também na pequena pele lisa de Lucina.

Bem, todo triângulo, sempre tem alguém  
alguma reta a se tocar, neste toquei cordas, vértice e ilusão,  
aparentemente frágil, sem magia forte o suficiente,  
restou e resta-me para sempre o consolo da canção,  
que só e só me verte agora, na palma das minhas mãos.

Tudo o que me afasta e o que me cala  
Mais me atrai e me fascina.

\*Augusta, Lucina, sou eu que acabei de chegar

\*Augusta, Lucina, nestes campos, entre tempos, entre tantos, entreveros destes ventos... sou Dirceu  
Augusta, Lucina e Eu.



Fonte: Órgão Francês.

A vida é como a partitura musical. Um genes minúsculo que se multiplica em moléculas abrigado pelo cromossoma e orquestrado pelas notas do acaso. Nasce da inspiração do momento, da iniciativa de reescrever no espaço de tempo, um novo despertar, onde se configura um DNA inigualável e criativo, que irá determinar quem somos e o que queremos buscar.

Surge da fonte do amor, do toque suave da emoção que se refaz no nascedouro inesgotável do desejo. É o futuro que se aproxima em uma verdadeira réplica do passado, repetindo, reinventando e recriando um novo "de vir", do que poderá "um dia - ser".

Tímida vai se colocando no espaço tentando manter o tom, o som ou o compasso, em uma sequência de notas musicais, que enfileiradas, uma após outra, esperam sua vez: "Dó, ré, mi, fá, sol, lá si", notas que se compõem e se reinventam como verdadeiros mutantes!

Dó de dor, de dúvida, de procura de encontro: de "dó de mim, do outro e dos outros". Notas que se unem e se encantam no canto da humanidade por vezes desprovidas de encanto. Notas que escorrem pelos dedos como a vida que se esvai no adormecer de uma serenata.

Notas silenciosas, indiferentes, descontraídas, desajeitadas, sucumbidas diante dos ouvidos surdos, de bocas mudas e de olhos cegos para o amanhã. Sons que se misturam nos gestos, de tons sem tonalidade, sem cor, luz ou beleza. Ritmos acelerados, desafinados, funestos, incontidos e retidos pelo canto que silencia no pranto de uma saudade musicada, no dia que amanhece querendo orquestrar.

E assim entre uma sonata, uma melodia, ou uma simples nota, vamos compondo a maior partitura desta orquestral vida, que entre sorrisos e prantos, dores e espantos, se refaz da noite para o dia, envolvida pelo manto da Virgem Maria. Vida... uma canção musicada no recanto da saudade, de um momento de magia... uma quase ficção vivida no dia a dia.



Fonte: Bibelôs antigos.

## LEMBRANÇA

Lembrei!

o menino que nasceu... chorou

o menino que cresceu... brincou

o menino que morreu... rezou

Lembrei!

o tempo que começou... se

extinguiu

o tempo que traçou... se

expandiu

o tempo que voou... se escapuliu

Lembrei!

a vida que iniciou... sorrindo

a vida que passou... indo

a lembrança que NÃO acabou

Leonardo Messias



Fonte: Iate Clube.

## OLHAR

Quando te vi frente a frente  
Não vi tuas curvas  
Não percebi tua beleza  
Não senti tua força.

Precisei navegar por outros ares  
Cruzar terras  
Saltar telhados.

Te perdi de vista  
E na distância do meu olhar te conheci.

Ah, quem és tu, Jaguarú  
Que despertas um não-sei quê na alma  
minha  
Dás sentido ao caminho  
Que os rumos quietos e sinceros  
Tanto tentam enganar  
Aqueles que chegam e vão.

Ah, Jaguarão  
Tuas paredes e chão  
Muitos segredos ainda hão de velar.

Heroica?  
Não sei.  
Deixo àqueles que virão.



Fonte: Máquina de escrever, ano 1921.

Querido rio,  
te escrevo para informar  
que estou bem!  
Sinto muito tua falta quando chega  
a noite  
e tu não vens!

Saudade sinto dos teus braços,  
teus abraços...  
Minha tristeza na tua ausência  
Revela minha pior malevolência.

Adeus meu amor,  
que os ventos te levem  
aonde eu for.

Volta logo, no escuro, no meu  
canto  
Sigo te chamando...

Um beijo.

Leonardo Messias



Fonte: Mãos de Osvaldina Medeiros.

## A HISTÓRIA DA ESCRAVA

Já me lembro certa feita, nos idos de mil novecentos, quando ainda as terras do sul não sabiam que a liberdade era para todos e dos porões da casa grande nasciam histórias, ouvia-se na praça, os barulhos contínuos, ritmos da palha e da flanela firmes que deslizavam como uma mão suave! O sapateiro... não qualquer! Mas, aquele que veio de “más allá”, procurando uma nova terra, um novo horizonte! Achou-se por aqui, quedou-se por aqui... Era ela o motivo! Escrava de origem. Tratada ao longe das aspás de quem tem nome grande e sangue azul, ainda sob o jugo da escravidão, em um tempo em que a cor da pele obrigava e forçava a todo tipo de indignidade. Aquela do sangue escuro, filha de alforriados pela mão de amantes da liberdade, Sim! A morena jambo lustrou e cuidou do brilho de seu novo amor! Suas vidas misturam-se, amordaçando todo preconceito e estranhamento da vida cotidiana da então pacata terra do Jaguarú, que não suportava tal feito. Ele cumpre o que prometera: tira-a da escravidão, deixa-a livre pela paixão! Ela, encantada por seu novo senhor, já novamente assume outra escravidão amiga, casa-se com seu agora senhor de liberdades e carinhos. O tempo passou, a história da escrava de mãos suaves continua cravada entre as pedras da rua de chão batido, de nome Cordão. Ao passar pela casa antiga, nenhum vivente imaginaria tamanha trama, nesta pequena rua onde o sapato e a música serão motivos de orgulho. Das amarras da dor, para o cordão faceiro, coisas de gente que abre a porteira quando a oportunidade aparece como visita, mas acaba adotada para sempre. Hoje ainda restam os frutos do amor. Já velhos pelo tempo, já queridos por aqueles que amam os amores que não seguem as linhas brutas da razão. Foto da grade.

Magnum Sória

# Índice de Imagens

1-Igreja Matriz do Divino Espirito Santo.....	18
2-Brocado do véu umeral sacerdotal da Paróquia do Divino Espírito Santo.....	20
3-Igreja Imaculada Conceição.....	22
4-Entorno rural de Jaguarão.....	24
5-Campanário da Igreja Imaculada Conceição.....	26
6-Imagem Santo Antônio - Igreja do Divino Espírito Santo.....	28
7-Aldrava - casa paroquial da Igreja do Divino Espírito Santo.....	30
8-Ponte Internacional Barão de Mauá.....	32
9-Estátua da Liberdade - Praça Dr. Alcides Marques.....	34
10-Torres de Jazigos - Cemitério das Irmandades.....	36
11-Rua Augusto Leivas.....	38
12-Igreja da Santa Casa de Caridade.....	40
13-Balde do Poço - Casa Paroquial da Igreja do divino Espírito Santo.....	42
14-Fachada da Antiga Inspetoria Veterinária.....	44
15-Busto do Coronel Manuel Marques de Souza - Cemitério das Irmandades..	46
16-Moirão - Zona Rural de Jaguarão.....	48
17-Puxadores de étagère.....	50
18-Praça Dr. Alcides Marques.....	52
19-Órgão Francês.....	54
20-Bibelôs antigos.....	56
21-Iate Clube.....	58
22-Máquina de escrever, ano 1921.....	60
23-Mãos de Osvaldina Medeiros.....	62



# Os Autores



**ANA BOESSIO.** Doutora em Literatura Inglesa, na linha de pesquisa “Teorias literárias e interdisciplinaridade”. Atualmente, é professora adjunta do curso de Letras da Universidade Federal do Pampa - Unipampa/Jaguarão, na área de estudos literários. É coordenadora do LALLi - Laboratório de Literatura e outras Linguagens e líder do Grupo de Pesquisa Línguas e Literaturas na Fronteira, cadastrado no CNPQ.



**JONAS DOS SANTOS.** Graduando no curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol, pela Universidade Federal do Pampa - Unipampa/Jaguarão. Atualmente é fotógrafo, bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, e faz parte do Grupo de Pesquisa Letramento Literário, cadastrado no CNPQ. Também, é voluntário do Laboratório de Literatura e outras Linguagens - LALLi.



**LEONARDO TERRA MESSIAS.** Graduando no curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol, pela Universidade Federal do Pampa - Unipampa/Jaguarão. Atualmente é fotógrafo, bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, e faz parte do Grupo de Pesquisa Línguas e Literaturas na Fronteira, cadastrado no CNPQ. Também, é voluntário do Laboratório de Literatura e outras Linguagens - LALLi.



**MAGNUM PATRON SÓRIA.** Graduando no curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol, pela Universidade Federal do Pampa - Unipampa/Jaguarão. Atualmente é voluntário do Laboratório de Literatura e outras Linguagens - LALLi e regente do Coral da Unipampa/Jaguarão.



## **ANTONIO CARLOS RODRIGUES MARQUES.**

Engenheiro Agrônomo, Economista e Advogado. Escritor de temas espirituais, psicologia, sociologia, filosofia poética. Lecionou sociologia na UCPEL (Universidade Católica da Cidade de Pelotas ). Entre os anos de 1994 a maio de 2000 foi presidente da Sociedade Cultural Joaquim Caetano da Silva, onde organizou e apoiou inúmeros eventos culturais e educacionais na cidade de Jaguarão. Membro da Academia Pelotense de Letras. Colaborador de jornais Jaguarenses, jornal Zero Hora de Porto Alegre, Diário Popular e Diário da Manhã em Pelotas, autor de 09 (nove) livros: O Nascimento do Pensamento (Sombras e Ausências); Simbolismos (Diálogos do Inconsciente); O Jardim Sem Muros (Cordas da Vida) dentre outros.



## **CARLOS TREPTOW MARQUES.**

Poeta e compositor parceiro de diversos artistas ligados a MPB, Samba e Bossa Nova: Simone Guimarães, Moacyr Luz, Carlos Walker, Ana de Hollanda, Paulo Jobim, Danilo Caymmi, Miúcha, Kay Lyra, Lúcio Gregori, Eduardo Franco, Sonya Prazeres, Carlos Rebouças, Francesca Ajmar, Jozi Lucka e outros.



**MARTIM CÉSAR GONÇALVES.** Integrante do grupo poético-musical Caminhos de Si, com o qual se apresentou em diversos eventos sociais e literários do Rio Grande do Sul e do Uruguai. Vencedor por duas vezes do prêmio Rua dos Cataventos da Sociedade Mario Quintana de Poesia e de diversos festivais de músicas do RS. Co-autor da peça *O engenhoso fidalgo Don Quijote de la Mancha* (adaptação da obra imortal de Miguel de Cervantes); indicado ao prêmio Açorianos 2010 como melhor letrista do RS.



**NEUSA MARILÚ PEREZ DUARTE.** É psicóloga. Possui licenciatura plena em Estudos Sociais, Letras, Direito e Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas e pós-graduação em História e Direito do Trabalho. Publicou diversos livros de poemas, crônicas e peças de teatro infantil. Realizou exposições de fotos e lançamentos de seus livros no Uruguai, Argentina, Cuba, Romênia, México e Canadá. Participa de diversas entidades culturais no Brasil, entre elas a Academia Sul-Brasileira de Letras, Instituto Histórico de Pelotas e Fundação Doutor Carlos Barbosa.



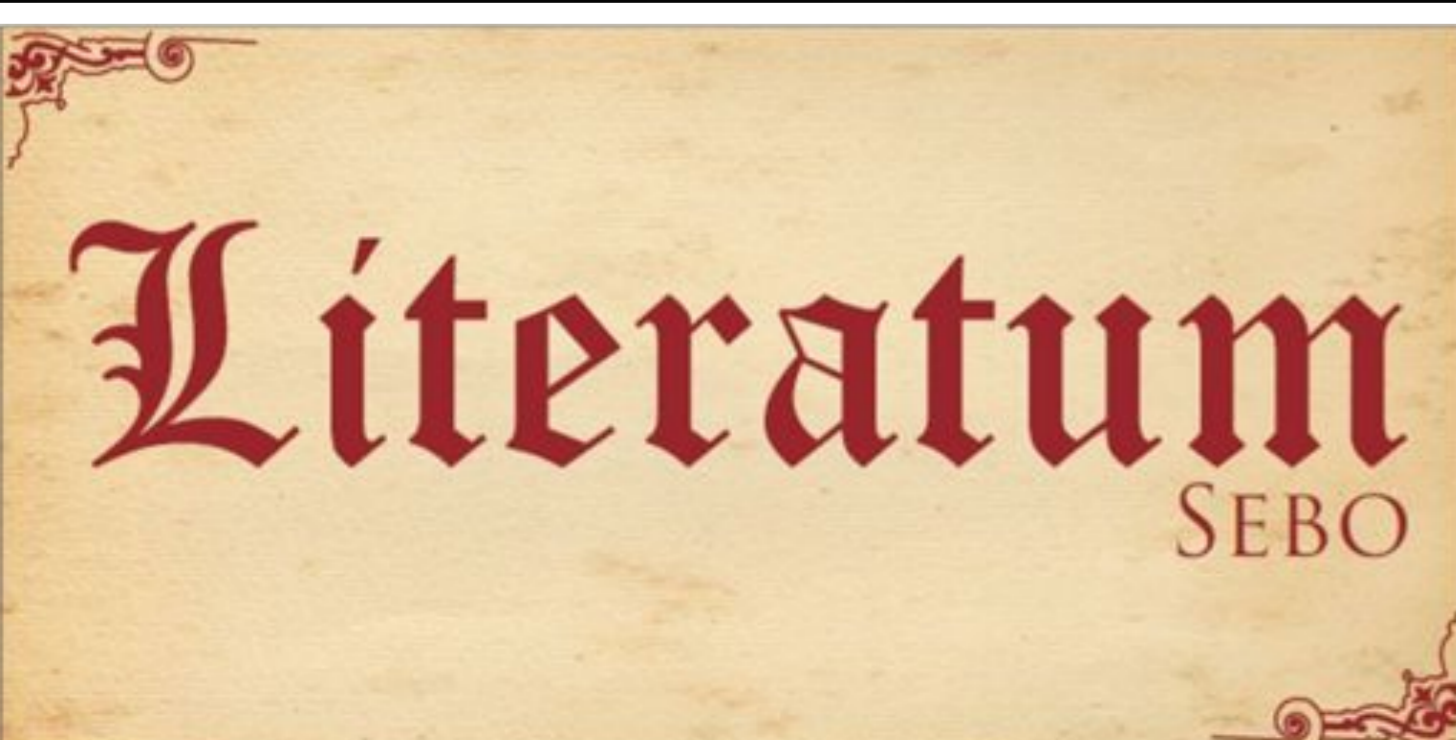
**ELENICE PACHECO TERRA.** Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol, pela Universidade Federal do Pampa - Unipampa/Jaguarão e designer gráfica deste livro.



## Realização:



## Apoio:



Estância Sinuelo  
Agricultura e Pecuária

